

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2017

Nº 217

NOVEMBRO - DEZEMBRO

Não aderimos ao último acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Exéquias de um espírita	4
1500-592 Lisboa	Liberdade e Responsabilidade	8
Telefone : 217 647 441	Natal (Poema)	11
	Apenas um caso	11
*	Natal na aldeia (poema)	15
Director Responsável :	Ele veio	16
Manuela Vasconcelos	Amigas que partem	20
	Poema	22
*	A noite de Natal em Portugal	23
Tiragem : 150 exemplares	Natal (Poema)	28
Distribuição Gratuita	Lembrança de Natal	29
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Já confessámos várias vezes que, ao elaborarmos uma Revista, o que mais nos custa... é começar! Muitas das vezes nem sequer temos, ainda, o tema de que falar no editorial, mas, depois de escrevermos as primeiras palavras, torna-se-nos mais fácil o seguir em frente! E isto tudo porque não somos jornalista, nem sequer fizemos qualquer curso de comunicação! O que escrevemos é por gosto, é ‘sentido’, é totalmente real para nós. Escrevemos o que pensamos e sentimos – como agora!

Este é o último número do ano, deste ano... e podemos começar por referir... o dia de finados. É isso: o dia de finados, aquele dia em que parece obrigatório chorarmos pelos nossos mortos! Mas... quem são os mortos? E quem são os vivos?

Quando alguém vai a um qualquer cemitério, limpar uma campa, renovar as flores há tanto tempo já tão secas!, alguma vez pergunta para si mesmo porque é que está ali, a fazer ‘aquilo’? Valerá de alguma coisa, aquele gesto?

Nós pensamos que não! Os nossos “mortos” – que estão mais vivos que qualquer um de nós! – não precisam das campas limpas, nem de jarras lavadas, nem de flores renovadas; diríamos que, se eles conseguissem comunicar connosco, diriam precisamente o contrário: que usássemos aquele tempo e dinheiro dispendido em visitar um doente num qualquer hospital – daqueles que não têm família ou a têm tão longe que não conseguem chegar até eles – e quanto ao dinheiro – ah! O dinheiro! - porque não usá-lo para adquirir alimentos ou agasalhos para um órfão ou uma casa onde falte o pão... ou para

um lar de desvalidos? Seria de pequeno valor a dádiva realizada, mas seria válida e útil para alguém! É que os nossos mortos – acreditem ou não – vivem, ou antes continuam a viver, num mundo diferente do nosso porque é um mundo onde não existe a matéria tal como a conhecemos aqui na Terra! E, realmente, se formos a pensar em ‘mortos’: quem estará mais morto? Eles, que continuam a viver num mundo que é real e de todos nós, seres espirituais criados por Deus para sermos imortais, ou nós, os ‘vivos’ da Terra, que vamos arrastando um corpo matéria que se finará logo mais, mas, até que tal aconteça, vivendo como mortos ambulantes, fazendo o que os outros fazem e não nos preocupando com a necessidade de nos tornarmos melhores para podermos evoluir um pouco mais?!

Pensando como muitos de nós pensamos, concluímos sempre pelo muito tempo de atraso espiritual que carregamos connosco: vivemos o dia a dia querendo sempre prolongar um pouco mais a estadia neste “hotel temporário” que o Senhor nos concede para a conquista do nosso aprimoramento, carregando connosco sofrimento, doenças, desalento e desespero mas querendo, mesmo assim, continuarmos como estamos porque depois da morte... o que será que vamos encontrar? Uma realidade de que quase todos nós duvidamos enquanto na Terra, ou apenas ... o Nada? Esse nada que, realmente, não existe, porque Deus existe e tudo criou ?

Gostávamos – sinceramente – gostávamos que todos, mas todos, os crentes e os descrentes – pensássemos mais na morte para que houvesse uma preocupação maior com o que fazemos enquanto aqui estacionamos porque, queiramos ou não, acreditemos... ou não, a vida continua e a verdadeira, a real, está lá, do outro lado, depois de virada aquela página a que os entendidos entenderam que deveria chamar-se de “morte”. Há

necessidade de a pensarmos para que aproveitemos melhor o tempo que nos falta viver na Terra, não em loucuras e ‘aproveitamentos’ que só agravam o nosso sofrimento futuro, mas na preocupação de nos melhorarmos mais um bocadinho, para podermos evoluir ainda um pouco, conquistando a paz com que Jesus nos acenou e que será também a nossa, quando conseguirmos – finalmente! – sermos puros como Ele mostrou que o poderemos ser um dia!

*

O ano passou tão depressa – e todos os anos dizemos o mesmo! – que ainda ‘ontem’ era Janeiro e estamos a pouco mais de um mês que nos falta para comemorarmos um novo Natal... um Natal ainda ensombrado pelos grandes incêndios que assolaram o país, levando o luto aos nossos irmãos, e pela falta da água, que está secando as nossas barragens, porque não chove, ou a chuva que cai não é suficiente para a grande necessidade que já se sente; infelizmente, há localidades, aqui e ali, que já estão a ser abastecidas pelos camiões-cisternas, e se todos nós não fizermos, cada um, a sua parte, poupando a água que lhes chega pelas torneiras dos seus lares, chegará o dia em que sentiremos todos a sede da falta de água que para alguns de nós ainda é uma ameaça. Vamos agir de maneira que, quando chegue o dia da comemoração do nascimento do Menino todos possamos sentirmo-nos felizes por termos posto o egoísmo de lado deixando de pensar unicamente em nós, para pensarmos em todos... e, então, o Natal poderá ainda ser festejado com Jesus entre os homens!

Feliz Natal, para todos.

A DIRECÇÃO

EXÉQUIAS DE UM ESPÍRITA

Desconstruir a morte! Tal uma das maiores

proezas do Espiritismo!

*A morte não significa mais que veículo
para os horizontes sem fim da verdadeira vida.*

- JOANNA DE ÂNGELIS.¹

Por ocasião do sepultamento do Sr. Nant, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Allan Kardec fez a seguinte alocução²: “Senhores e caros colegas da Sociedade de Paris, e todos vós irmãos em crenças, aqui presentes!...

“A partida do Sr. Nant para aqui nos conduziu hoje. Vem ele tornar à terra seu despojo mortal para revestir o brilhante envoltório dos Espíritos. Viemos, segundo a expressão consagrada, dizer-lhe o último adeus? Não, porque sabemos que a morte não é tão somente a entrada da verdadeira vida, mas uma separação corpórea de alguns instantes, e que o vazio que ela deixa no seio da família não é senão aparente.

Ó doce e santa crença que nos mostra, sem cessar, ao nosso lado os seres que nos são caros! Fosse ela uma ilusão, seria preciso bendizê-la, porque enche o coração de uma inefável consolação! Mas não, não é uma vã esperança, é uma realidade que, cada dia, atestam as relações que se estabelecem entre os mortos e os vivos segundo a carne. Bendita seja, pois, a ciência que nos mostra o

túmulo como o umbral da libertação e nos ensina a considerar a morte face a face e sem terror!

Oh, meus irmãos! Lamentemos aqueles que o véu da incredulidade cega ainda; é para eles que a morte tem apreensões terríveis! Para os sobreviventes é mais do que uma separação, é, para todo o sempre, a destruição dos seres mais caros; para aquele que vê aproximar-se a última hora é o abismo do nada que se abre diante dele! Pensamento horrível, que legitima as angústias e desesperos...

Que diferença para aquele que, não só crê na Vida Futura, mas que a compreende, que se identifica com ela! Não caminha mais com ansiedade para o desconhecido, mas com confiança para a nova carreira que se abre diante dele; já a entrevê, e conta – com sangue frio – os minutos que dele o separa ainda, como o viajor que se aproxima do fim do seu caminho, e sabe que, em sua chegada, vai encontrar o repouso e receber os abraços de seus amigos.

Tal foi o Sr. Nant! Sua vida tinha sido a do homem de bem por excelência; sua morte foi a do justo e do verdadeiro espírita. Sua fé nos ensinamentos da nossa Doutrina era sincera e esclarecida: auriu imensas consolações durante sua vida, a resignação nos sofrimentos que lhe deram fim, e uma calma radiosa em seus últimos instantes. Forneceu-nos um tocante exemplo da morte consciente; seguiu com lucidez os progressos da separação, que se operou sem abalos, e quando sentiu quebrar-se o último laço, bendisse os assistentes; depois, tomando as mãos de sua neta, criança de dez anos, pousou-a sobre seus olhos para ela mesma lhes fechar. Alguns segundos mais tarde dava o último suspiro, exclamando: *Ah! Eu o vejo!*

Nesse momento, seu neto, tomado de uma grande emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos; em seu êxtase, ele viu a alma de seu avô, acompanhada de uma multidão de outros Espíritos, elevar-se no Espaço, mas presa ainda ao envoltório corpóreo pelo laço fluídico... Assim, à medida que se fechavam sobre ele as portas da vida terrestre, se abriam diante dele as do mundo espiritual, do qual entrevia os esplendores.

Ó sublime e tocante espectáculo! Que não tinha por testemunhas aqueles que zombam nesta hora da ciência que nos revela tão consoladores mistérios! Tê-la-iam saudado com respeito em lugar de achincalhá-la. Se lhe lançam a ironia e a injúria, perdoamo-los: é que não a conhecem e que vão procurá-la onde ela não está.

Para nós, rendamos graças ao Senhor que consentiu em rasgar aos nossos olhos o véu que nos separa da Vida Futura, porque a morte não parece temível senão para aqueles que não entrevêm nada além. **O Espiritismo, ensinando ao homem de onde ele vem, para onde vai, e por que fim está na Terra, dotou-o de um imenso benefício, uma vez que lhe dá a coragem, a resignação e a esperança...**

Caro senhor Nant, nós vos acompanhamos pelo pensamento no mundo dos Espíritos onde ides recolher o fruto de vossas provas terrestres e as virtudes das quais deste o exemplo. Recebei nosso adeus, até ao momento em que nos será dado nos juntarmos a vós.”

A Imortalidade da Alma e a Comunicabilidade dos Espíritos provadas pelo Espiritismo assinalam e justificam seu viés *consolador*. Em toda a história da humanidade nenhuma religião e muito menos nenhuma filosofia conseguiu esta proeza lograda

pelo Espiritismo: desconstruir a morte como mito e desvelar os incomensuráveis panoramas do Mundo Maior onde estua a Vida Abundante referida pelo meigo Rabi galileu.

1 – FRANCO - Divaldo: *Dimensões da Verdade*. 5ª ed. Salvador. Leal. 2000, p. 71;

2 – KARDEC, Allan. *Revue Spirite. October de 1865*. 2. ed. Araras: 2000, p. 321-323.

ROGÉRIO COELHO
Mauriaé – M. Gerais – Brasil

*

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Há muitos espíritas que pensam que a acção do Espiritismo deve ficar adstrita a esse ambiente de religiosidade e místico evangelismo que caracteriza, de modo claro e impressionante as reuniões dos vários núcleos de adeptos; há muitos outros que, reforçando essas pronunciadas tendências, chegam a relegar as ciências, as artes e a literatura para planos secundários e, infelizmente, há outros que, padecendo de fanatismo, criam para si um mundo estranho, abstendo-se de quaisquer reflexões que possam turbar a ordem de seus raciocínios no círculo vicioso em que vivem.

Os indivíduos menos suspicazes que se detêm a examinar essa desordem entre os adeptos do Espiritismo, essa imensa diversidade de pontos de vista, chegam a uma conclusão precipitada a respeito da sua utilidade como factor harmonizador no sentido do progresso. Sem penetrarem a fundo no exame das causas e tirando ilações rápidas dos efeitos que observam, esses indivíduos não podem deixar de incidir em grave erro, porquanto deve existir uma origem presente, próxima ou remota que explique satisfatoriamente esses desmandos.

A origem, a causa, está na liberdade de que gozam todos os Espíritos de aceitar ou rejeitar quaisquer leis, princípios, teorias e dogmas, venham ou não amparados por mestres, sábios ou cientistas.

Não existindo, propriamente, nenhum chefe a que devamos obediência, em consequência da universalidade dos ensinamentos, dos fenómenos e das teorias, é óbvio que cada um, a despeito do que aconselha o bom senso, se julga com o direito de ter ideias próprias, embora em grande parte erradas, a propósito de todos os assuntos. Ora, como o progresso dos Espíritos é relativo e a diversidade de conhecimentos, tendências e sentimentos, entre eles, é enorme, conclui-se logicamente que não é possível existir nos núcleos que eles formam, a desejada harmonia no modo de pensar, de ver, de observar, visto serem desiguais em preparo intelectual e moral.

Será um mal? Não, positivamente, não! Esses homens, bons ou maus observadores, pouco ou muito evoluídos, estão exercitando o direito natural de proceder livremente, direito que só se deve censurar quando o que o exercita causa dano ao culto sobre que pesa a sua influência material ou moral.

A liberdade ampla de fazer, ou deixar de fazer algo, traz em si, conseqüentemente, o condão da mais dilatada responsabilidade. Ora, se um homem abusa do seu poder, arrogando-se o papel de mentor dos que lhe obedecem, aumenta o âmbito de suas responsabilidades e, ao invés de responder por si só, passa a responder por todos os actos dos outros que o imitam, com a relatividade particular com que cada um tiver procedido, com maior ou menor intenção, no sentido do mal.

Embora a relativa desordem que se observa nos núcleos espíritas não seja mais do que o resultado do exercício de um direito, não devemos, todavia, deixar o campo livre aos maus raciocinadores. É um crime perante as sublimes leis que regem o Universo deixar de chamar à ordem, ao cumprimento do dever, os que se desviam e causam males a si e aos outros.

O Espiritismo, fatalmente, tem de exercer a sua influência na organização geral dos povos, desde o recesso dos lares que os formam até às relações que mantêm entre si. Por conseguinte, estão em erro todos os que pretendem adstringir a influência da doutrina a este ou àquele campo, quando ela é chamada a instruir, educar e engrandecer todas as raças e todos os povos, em todos os domínios dos conhecimentos humanos, numa ascensão para a felicidade.

Oxalá cada homem se compenetre do que lhe cumpre fazer e compreenda eu o horizonte do Espírito aumenta na razão directa do seu engrandecimento moral e intelectual.

LINS DE VASCONCELLOS

(Transcrito, com a devida vénia, do jornal MUNDO ESPÍRITA, de Fevereiro de 2017, da Federação Espírita do Paraná).

NATAL!

Natal! Bacarola em prece...
Revelação!... Maravilha!...
Na Manjedoura que brilha
Ganha a paz Vida e louvor...

É a glória de Deus que desce
Envolvente, bela e pura...
E a Terra põe-se à procura
Do Reino de luz e Amor.

JOÃO DE DEUS

(In: Antologia mediúnica do Natal – psicografia do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier).

*

APENAS UM CASO

Um homem de 55 anos, espírita, sofreu um acidente e morreu de repente. Ele viu-se saindo do corpo e chegar a um lugar escuro, freio, tético, com energias muito negativas.

Assim que começou a caminhar por aquele vale sombrio, viu três espíritos vestidos com capa negra, caminhando em sua direcção. Assim que chegaram, o homem perguntou:

- Que lugar é este?

- Aqui é o que vocês, espíritas, chamam de umbral – disse um dos espíritos.

O homem ficou chocado com aquela informação: mal podia acreditar que estava no umbral. Considerou que talvez estivesse ali para participar de alguma actividade socorrista aos espíritos sofredores. O espírito negativo, que lia seus pensamentos, respondeu que não. Ele estava ali porque o umbral era a zona cósmica que mais guardava sintonia com suas energias.

- Mas isso é impossível!!! – disse o espírita em desespero. – Não posso estar no umbral; deve haver algum erro... Em primeiro lugar, eu sou espírita, faço parte dessa religião maravilhosa que é considerada o Consolador prometido por Jesus. Realizo, também, projectos sociais de doação de sopa aos pobres; ministro o passe magnético duas vezes por semana a uma multidão de pessoas, lá no Centro... Também ajudo financeiramente instituições de caridade, muito necessitadas, além de dar palestras no Centro para os iniciantes no Espiritismo... Definitivamente, há algo errado!

- Não há nenhum erro – disse o espírito das sombras -. Em seu actual estágio de evolução, você tem que ficar aqui mesmo. É verdade que você é espírita e faz parte desta doutrina consoladora mas, intimamente, você julgava inferiores pessoas de outras religiões, por não serem espíritas. Sim, você realizava projectos sociais dando sopa aos pobres, mas em seus pensamentos, sentia-

se o máximo praticando a caridade e julgava que os pobres não eram tão evoluídos, por estarem amargando a pobreza, quando, na verdade, muitos deles eram mais puros que você. Sim, você ministrava o passe, mas considerava que seu passe era mais «poderoso» e mais curador do que o passe de outros passistas. Sim, você ajudava financeiramente instituições de caridade, mas dentro de si sempre dava o dinheiro esperando receber algo em troca e sentindo-se alguém muito ‘caridoso’. E, finalmente... sim, você dava palestras aos iniciantes na Doutrina, mas acreditava ter mais conhecimento que eles e colocava-se numa posição de destaque e vaidade intelectual. Tudo isso suscitando uma das maiores chagas da humanidade, o «orgulho» e a «vaidade».

O homem desencarnado ficou impressionado com as revelações daquele espírito. De facto, revendo suas atitudes e sua perspectiva, intimamente havia quase sempre um sentimento de superioridade, de orgulho em relação aos outros, diante de tudo o que fizera. Olhou, então, para dentro de si e começou a arrepender-se de tudo aquilo, reconhecendo seu erro e sentindo-se mais humilde. Nesse momento, ele sentiu uma luz brilhando dentro dele e começou a elevar-se. Ao perceber que se estava elevando e deixando o umbral, avistou outros espíritos ainda presos à condição umbralina e novamente lhe veio um orgulho e uma sensação de superioridade em relação aos mesmos. Após sentir isso, caiu novamente no umbral, e a queda, dessa vez, foi ainda mais dolorosa. Um dos espíritos trevosos disse-lhe:

- Você caiu novamente porque, no momento em que se elevava, começou a sentir uma certa superioridade em relação aos espíritos que aqui estavam, suscitando, mais uma vez, uma condição de orgulho. Além disso, “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido.” (Lucas, 12:48).

O espírito espírita ficou muito triste com tudo aquilo: entrou em si mesmo e, com toda a sinceridade, pensou:

- Sim, é isso mesmo! Eu fui uma pessoa arrogante por ser espírita e por tudo o que eu fazia. Esse orgulho neutralizou todo o mérito das minhas acções... mas, tudo bem! Eu mereço estar aqui no umbral; vou ficar por aqui mesmo, quem sabe eu aprendo alguma coisa? Não me importo mais comigo e entrego minha vida a Deus... Como disse Jesus: "Que seja feita a vontade de Deus e não a minha"... Caiu no chão e apenas se entregou a Deus, com fé. Nesse momento não tinha mais nenhum sentimento de auto-importância. Fechou os olhos e deixou tudo fluir... E o corpo começou a tornar-se um corpo de luz e, sem nem perceber, começou a elevar-se novamente. Assim que chegou a uma zona mais elevada, abriu os olhos e, para sua surpresa, havia-se libertado do umbral. Dessa vez, nem percebeu que se estava elevando e libertando.

Um dos espíritos trevosos estava esperando por ele, naquele plano mais elevado. Tirou a capa preta e uma luz maravilhosa começou a brilhar. O espírita percebeu que aquele espírito não era negativo, mas um espírito de luz, que o estivera ajudando desde o princípio. E o Espírito disse:

- Tua renúncia a ti mesmo, no último momento, salvou-te do umbral. Que tudo isto te sirva de lição, meu filho. Toda essa experiência que você passou serve para os membros de qualquer religião. E não se esqueça jamais do que disse Jesus: -“ *Não saiba a tua ao esquerda o que faz a tua direita.* (Mateus, 6:3).

HUGO LAPA

(Gentilmente cedido pela amiga comum, Catarina Niza).

NATAL NA ALDEIA

Natal!... O trigo na azenha,
Água correndo a cantar!...
A lareira pede lenha,
Fagulhas brincam no ar.

Na sombra que envolve a terra,
Oiteiros acendem lume.
Do bragal que se descerra
Chegam vagas de perfume.

Na sala que se alvoroça
Surge um velho sem ninguém.
Diz o dono: "A casa é vossa
E a mesa é vossa também..."

Há canções claras e puras,
Nas sebes tintas de breu:
- Glória ao Senhor nas Alturas!...
Hossanas!... Jesus nasceu!...

Meia noite!... Dons supremos!
Calam-se os próprios lebréus.
Roga a avozinha: - Louvemos!...
Pai Nosso que estás nos Céus!...

Natal! Ah! saudade minha!
Cantiga do coração!...
A taleiga da farinha
Amassa a estriga do pão.

À janela, erguem-se vozes...
- Pastores ternos, quem sois?!
Meninos voam às nozes;
Quanta alegria depois!...

Próvida e grande candeia
Faz luz sob o tecto morno;
Espalha-se em toda a aldeia
O alegre cheiro do forno.

Um mocho pia de leve
No velho beiral vizinho...
Não sei se é chuva ou se é neve
Que o vento lança ao caminho!

Soluços da alma contente...
Doce visão do Natal!...
Deus vos salve eternamente,
Lembranças de Portugal!

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

(Do livro 'Antologia Mediúnica do Natal', psicografia do médium Brasileiro, Francisco C. Xavier).

ELE VEIO

Jesus exaltou o Amor como caminho único para encontrarmos a felicidade

*“Ele veio e é a Luz do Mundo. Depois
d’Ele nunca mais a treva se fez vitoriosa. –
JOANNA DE ÂNGELIS¹*

Faz-se necessário prestarmos mais atenção aos ensinamentos de Jesus, como por exemplo, na instrutiva *parábola do rico insensato*², que não deixa margem a dúvidas quanto ao melhor modo de encarmos o verdadeiro sentido da vida aqui na Terra, enquanto permanecermos encarnados, não nos afadigando pela posse do perecível e transitório em detrimento do imperecível e eterno. Urge antepor à violência generalizada a Sua mensagem de paz...

Segundo Emmanuel³, “(...) em todos os agrupamentos humanos, palpita a preocupação de ganhar... O Espírito de lucro alcança os sectores mais singelos. Meninos, mal saídos da primeira infância, mostram-se interessados em amontoar egoisticamente alguma coisa. A actualidade conta com mães numerosas que abandonam seu lar a desconhecidos, durante muitas horas do dia, a fim de experimentarem a mina lucrativa. Nesse sentido, a maioria das criaturas converte a marcha evolutiva em corrente inquietante.

Por trás do sepulcro, ponto de chegada de todos que saíram do berço, a verdade aguarda o homem e interroga: “que trouxeste?”

O infeliz responderá que reuniu vantagens materiais, que se esforçou por assegurar a posição tranquila de si mesmo e dos seus. Examinada, porém, a bagagem, verifica-se, quase sempre, que as vitórias são derrotas fragorosas. Não constituem valores da alma, nem trazem o selo dos bens eternos. Atingida semelhante equação, o viajor olha para trás e sente frio. Prende-se de maneira inexplicável, aos resultados de tudo o que amontoou na Crosta da Terra. A consciência inquieta enche-se de nuvens e a voz do Evangelho soa-lhe aos ouvidos: “Pobre de ti, porque teus lucros foram perdas desastrosas. E o que tens ajuntado, para quem será?”

Hoje em dia, até mesmo o Natal onde se deveria comemorar o nascimento de Jesus, Ele, o Divino Aniversariante, especialmente nesse dia, é o mais esquecido de todos, pois a meta passou a ser única e exclusivamente a exploração comercial.

Nada em troca de presentes, e uma singela refeição junto aos entes queridos, mas daí a transformar o Natal apenas nisso vai longa distância.

Lembra-nos, ainda, a nobre Mentora Joanna de Ângelis¹ ...) Enquanto predominavam a violência, a agressividade, a escravidão dos vencidos, o vilipêndio dos valores morais a benefício da força e do orgulho, Jesus veio ter com os homens... Toda a Sua vida constitui até hoje a afirmação do Espírito invencível sobre a precaridade das coisas utópicas do mundo.

Assinalando coma humildade o Seu berço, demonstrou que cada um é a soma das aquisições pessoais intransferíveis, que se sobrepõem às situações e enganosas distinções de vilegiatura física dos povos.

Nenhum estardalhaço em Seu ministério se regista; privilégio nenhum! Caracterizado pela nobreza e elevação espiritual de que se encontrava investido, propôs o amor como terapêutica para a violência e o viveu integralmente.

Nunca traiu o postulado em que alicerçou a Sua mensagem de esperança e paz. Deu-se a Si mesmo em todos os lances da vida, olvidando-Se, intemorato, das próprias conveniências, pensando nas criaturas humanas e submisso às superiores determinações do Pai.

Exaltando o amor, como caminho único para alcançar a felicidade, tornou-se o amor, por enquanto ainda não amado. Ele veio, e Sua vida mudou os rumos do pensamento, estabelecendo diferente directriz histórica. Com ele surgiu o homem integral, protótipo perfeito que Deus nos *“concedeu para servir de modelo e guia”*.

Identifica-te com Ele, deixando-te impregnar pelos Seus exemplos, a teu turno apresentando-O aos companheiros do processo evolutivo, em que te encontras.

Em situação alguma te afastes d’Ele. Pensa no labor que Ele desenvolveu e aceita-lhe o convite para segui-LO.

Hoje, mais do que nunca, quando novamente a violência e o crime se dão as mãos, a dor e o desespero explodem em todo lugar, vive Jesus, trazendo-O de volta, pelo teu exemplo aos que ainda não O conhecem devidamente.

Ele veio e nunca se apartou de nós. Não importa que a data do seu nascimento seja simbólica. Inquestionável é o facto: ele veio e ninguém conseguiu realizar até hoje o que Ele fez.

Faze a tua parte, e evoca-Lhe o Natal em todos os dias da tua vida, tornando-a sinfonia de feitos. Se te parecer difícil lográ-lo, inicia, neste Natal, o dia novo da tua perfeita comunhão com Jesus, auxiliando o nascimento d'Ele em outros Espíritos e prosseguindo sem cansaço até o momento da tua libertação total.

Faze do dia do Natal o teu momento de paz, que se tornará um permanente compromisso com Jesus, em favor das crianças para as quais Ele veio.

1 – FRANCO, Divaldo Pereira. *Oferenda*, Salvador: Leal, 1980,p13.

2 – Lucas, 12:13 a 21.

3 – XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*, 26 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 22006, cap. 56.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – M. Gerais – Brasil)

*

NATAL É SEMPRE QUE O HOMEM QUISER...

AMIGAS QUE PARTEM



Maria Clarisse

Pinheiro Barradas



Maria Teresa Velho da Silva

N: 05-06-1959

F: 26-08-2017

*“O tempo é muito lento para os que esperam
muito rápido para os que têm medo,
muito longo para os que lamentam,
muito curto para os que festejam.
Mas, para os que amam, o tempo é
eternidade”*

**Ficarás para sempre na nossa memória,
Eterna Saudade.**

MARIA CLARISSE PINHEIRO BARRADAS

MARIA TERESA VELHO DA SILVA

Propositadamente, deixámos esta e outra referência para este número de Natal, para que elas estejam presentes na comemoração da nossa Casa.

Foram – são – duas irmãs e amigas que nos precederam, mas que um dia voltaremos a encontrar.

Como disse a Clarisse – desencarnada em 7 de Julho – “quando eu já cá não estiver, deixem-me partir, não chorem quando se lembrarem de mim, dêem graças a Deus pelos bons tempos que passámos juntos, deixem que as recordações aliviem a dor. Quando chegar a vossa altura de partir, estarei lá para vos receber, ausente no corpo, mas presente com Deus.

A Irmã Clarisse acompanhou a nossa Casa quase que desde o seu início: lembramo-nos que, na comemoração do 5º aniversário já esteve presente, e, em todos eles a sua presença foi

uma constante, faltando unicamente ao 36º - o último – devido à falta de saúde e energia que a acometeu. Foi uma Irmã com que a COMUNHÃO sempre pode contar nas suas aflicções.

A Maria Teresa deixou-nos no dia 26 de Agosto; foi uma colaboradora e trabalhadora mais recente; não nos lembramos já bem, mas cremos que começou a frequentar o Centro a partir de Benfica; sempre risonha, doce, amiga do seu amigo, “anjo da família” deixou-nos o exemplo do “pensar nos outros antes que em si própria”. Bastante doente, continuou a comparecer até às últimas semanas, ficasse ou não para assistir e participar do estudo, dependendo a sua presença de como se sentia no momento.

Dela lembramos que “O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade.”

Para uma e para outra, o nosso abraço fraternal, esperando que ao chegar a nossa hora de emprendermos a grande viagem, possamos tê-las a aguardar-nos... e podermos matar as saudades do tempo em que a vida continuou...para um e outro lado! Que o Senhor as abençoe...

*

A morte é apenas a porta de passagem que todos somos obrigados a transpor... aqueles que a evitam ignoram que, para além dela, fica a Verdadeira Vida!

*

POEMA

Meu irmão, pobre, faminto,
De mãos rudes, calejadas,
De pernas trôpegas, cansadas
Da passadas
Que a Vida já te fez dar
Meu irmão...
Olho o teu rosto velhinho,
Onde rugas abriram estradas
Das ilusões desfasadas,
No desespero
De lágrimas acumuladas,
Amarguradas...
Meu irmão!...
A dor não transformou
O brilho do teu olhar,
Apenas o modificou!,
E no lugar da esperança
Dos teus sonhos de criança
Há hoje a resignação...
E em vez da alegria
De tantos sonhos de um dia,
A mocidade passou
E nos teus olhos marcou
Mais uma desilusão...
Meu irmão...
Teu corpo hoje curvado
Não diz nada de um passado
Que guardas no coração,
Mas tua voz que tremula
‘inda transmite ternura,
‘inda vibra com emoção!

Como te amo, velhinho!,
Quando cruzo teu caminho
E de olhos posto no chão
Te vejo, lento, a passar
Tal e qual um passarinho
Voando para o seu ninho,
Sempre leve no esvoaçar!...
Pobre velho, tão sozinho!
Quero dar-te o meu carinho,
Quero ser o teu bordão...
... Põe na minha a tua mão,
Querido velho, meu irmão!

MANUELA

*

A NOITE DE NATAL EM PORTUGAL

Outro Natal, amanhã. E se nesse mundo não há peito humano onde bata coração bom, que não rememore o dia consagrado ao nascimento do Justo, aqui não há também quem não levante hossanas na festa que a Humanidade dedica ao Mestre.

Tenho sido eu quem , nos anos anteriores, tem vindo comemorar, por ti, aí nesse mundo, a solenidade querida de nossos corações. Seja eu ainda quem venha este ano também. Os outros companheiros que me pleiteiam o encargo.

A festa é de paz, o momento é de saudade. Requer palavras tristes a recordação do Natal na nossa Terra; requer consolações; e eles, valentes habituados à peleja, onde se vibram frases como espadeiradas, entendem que só um médico, ainda que seja eu, pode trazer emolientes e anestésiantes às dores que no dia de Natal torturarão os corações amargurados dos portugueses. Eu, médico e triste, talvez melhor do que eles, possa compreender a agonia da saudade e, não podendo elevar um hino de alegria onde muito se sofre, poderei deixar mais um carne saudoso de tempos que não voltam mais!

Natal! Natal! Que triste evolução tem feito, desde que te falo, a nossa comemoração! Era de festa este dia! Em cada lar português havia uma capelinha, em que pontificava o Amor, na festa do Menino Jesus. Era o grande dia da família. Esperava-se por ele o ano inteiro, acumulando saudades que nessa noite se desfaziam com a chegada dos ausentes queridos. A sua noite era a maior do ano; a festa dessa noite era a festa maior.

Havia lume em todas as lareiras; havia ceia abundantíssima em todas as mesas, ainda nas mais indigentes; havia risos nos lábios, alegrias nos corações e paz nas almas. Parecia que a suavíssima bondade do Cristo descia das regiões iluminadas e vinha, como orvalhada de luz, rociar as consciências e espargir a felicidade.

Cantava-se, ria-se, orava-se, e, noite velha, lá ia a família em bando, ao badalar alegre do sino da igreja, em devaneios de amor, em devaneios de saudade, a visitar o Menino Jesus que ia nascer. As badaladas quebravam festivamente a calada da noite; e lá iam todos, com as almas em festa, pelos carreiros, atravessando as quebradas das serranias brancas de neve, tão brancas como se anjos as tivessem isso atapetar de prata, enquanto que, da chaminé

de cada cabana, subia em espiral um fiozinho de fumo branco, que parecia querer levar ao céu a notícia de que naquela noite havia festa e ceia naquele lar.

Era noite de felicidade aquela, como não havia outra igual em nossas aldeias sitiadas pelo inverno áspero.

E hoje? O inverno ainda as sitia com a sua aspereza; mas a felicidade abandonou aqueles lares.

Estão também sitiados pelos sofrimentos. Lá só se blasfema e chora. Não mais se canta, não se ri mais; os sinos estão mudos e mortos; as igrejas ermas; as quebradas, como grandes túmulos de trevas, não são mais despertadas pelo som dos sinos, pelos toques de instrumentos populares, pelos cantos, nem pelas risadas. Os anjos ainda semeiam a neve alvíssima, ainda; mas ela hoje cai mais nos corações que nos caminhos.

Os corações, em que havia capelas a Jesus, estão fechados pela dor.

Que má acção pagará à justiça de Deus o povo que só no socalco da Cruz tinha cimentado o alicerce da sua grandeza e as raízes da sua independência? Que vento abrasador veio queimar as almas simples e crentes dos filhos da minha terra?

Hoje, a grande noite de alegria é a maior da dor. Noite infinda, noite eterna, em vez de preces há soluços, em vez do tilintar argentino dos risos, há os sons pungentíssimos do choro.

Não se sente mais o calor da lareira, que fazia a grande ceia e aquecia os corpos regelados, na espera da meia-noite. Não se aguarda com a ansiedade de outrora a chegada alegre de um

retardatário, nem se escuta mais o apelo longínquo do sino do presbitério a chamar os fiéis do Cristo para a grande romaria do amor. Não se vêem mais os fiozinhos de fumo a erguerem-se para o céu.

Nos lares não há mais festa. Em cada um reina só a dor. Os ausentes não voltam. As portas estão cerradas, como que temendo que, se fossem abertas, entrasse por elas nova lufada de desgraça.

Não há fogo nem luz. Para chorar, chora-se bem no escuro. Às trevas do lar corresponde a treva de cada alma. Para a festa da dor, como para a festa da paixão cristã, basta só aceso um círio. É o da saudade! Saudade pelo Deus banido, saudade pela paz extinta, saudade pela felicidade perdida, saudade pelos membros da família ausentes, que não voltam mais! Que não voltam mais!!! Saudade, só saudade!

E através das lágrimas, cada olhar busca, no escuro dessa noite em agonia, a imagem do ente amado, exilado em longes terras, fugido como celerado; ou procura divisar, por detrás de grades sinistras, o olhar do parente ou do amigo, embaciado de lágrimas e alucinado de sofrimentos!

Não é mais de festa, na minha terra, a festa do Redentor! Os lares não têm pão, nem alegria; as igrejas não têm mais rosmaninho, nem luzes. Para amar a Jesus, há-de cada um esconder-se, como para praticar um delito, em contraste com aqueles que, para o ofenderem, passam a vida a despertar ruidosamente a atenção geral, para que mais pública, mais solene seja a ofensa, como se a grandeza do acto perdesse com a minguada de espectadores.

Os corações da minha pátria estão doentes. Não venho sacudi-los, como o vento sacode ulmeiros. Venho, como enfermeiro amigo, a trazer-lhes lenitivo.

Lembrar felicidades que passaram é mitigar penas, é ainda ser feliz. É evocar, pela saudade, aquilo que dourou a nossa vida, é reconstruir, numa visão amiga, tudo o que se quebrou; recobrar tudo que se perdeu, reviver tudo que fugiu. É projectar, com essa visão, uma centelha de luz na escuridão em que se vive. Ah! Assim eu pudesse! Assim eu pudesse, como amiga fada de lenda, fazer que em cada coração onde reside a pena houvesse um momento em que passasse, nessa visão do pensamento, a noite de Natal com os seus encantos e com os seus prazeres; com o seu Menino Jesus no seu rústico presepe da igreja aldeã, o brasido da lareira, a ceia abundante, o tanger de instrumentos, o som do sino a quebrar o adormecimento da noite, os ranchos cantando e rindo, os velhinhos arrastando felizes a carga dos seus anos trabalhados, para irem beijar mais uma vez o Menino; a alegria ruidosa dos recém-chegados de longas ausências ao lar da família, os anjos a pratear os caminhos, toda essa vida que se foi, toda essa festa dos povos, onde, na grande noite, o frio regelava os corpos e a fé e a alegria aqueciam as almas e reconfortavam a vida!

Mas, não posso! Vejo que a dor se aninhou em todos os corações: - nos crentes, pela perseguição à sua fé e pelos sofrimentos dos entes que amam; nos descrentes, pelo ódio que os assoberba, pela inquietação que os atormenta. E a saudade, com o seu manto de lágrimas, vem cobrindo a todos.

Todos olham para a paz de outrora como para um bem que se perdeu. O presente é de tristeza e de dúvida; o futuro é de temor. A desolação paira em todas as almas; e nós, olhando daqui, pungidos de saudade infinita e de infinita mágoa, perguntamos a

Deus: - Até quando, Senhor, a Tua Justiça pesará sobre o povo que outrora tanto te amou e te serviu e que hoje, por orgulho ou demência de uns e por fraqueza de outros, te baniu e deixou banir do seu lar, da sua Terra?

Natal, Natal! Que magoada saudade envolve agora a alma portuguesa!

JÚLIO DINIZ

(In: 4º volume do livro “Do País da Luz”,ed. ‘Luz no Caminho’, de Braga, cap. LII; psicografia do médium português, Fernando de Lacerda).

*

NATAL

Sobre a palha loura
Dorme, a rir, Jesus.
Tudo a rir se doura
De inocente luz.

Há no olhar etéreo
Do boizinho lento
Sonhos de mistério
Num deslumbramento.

Chegam pegoureiros:
Chagam-se ao redor,
Tal e qual cordeiros
Para o seu pastor.

Anhos que vêm vindo
Põem-se a meditar:
Que zagal tão lindo
Para nos guiar!
Ajoelham magos,
- Êxtase profundo!... –
Com os olhos vagos
No Senhor do mundo...
E banhada em pranto
Mãe se transfigura,
Por divino encanto,
Numa virgem pura.

GUERRA JUNQUEIRO

(In: Natal... Natais: Oito séculos de poesia sobre o Natal.
Antologia de Vasco Graça Moura. Ed. Millennium).

LEMBRANÇA DE NATAL

No Natal do Senhor, recordemos-Lhe as palavras divinas:
“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sereis quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-

vos e exultai, porque será grande o vosso galardão nos Céus, pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, bendizeis os que vos maldizem, orai pelos que vos insultam.

Ao que vos bate numa face, oferecei também a outra. Ao que vos arranca o manto, não recuseis a túnica. Dai ao que vos pedir e nada reclameis de quem vos tirar o que é vosso. Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-lhes vós a eles. Sêde misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e dar-se-vos-à; derramarão em vosso regaço uma medida boa, calcada e transbordante, porque a medida com que medirdes os outros será a mesma com que vos medirão a vós.

A árvore se conhece pelo seu fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.

Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus. Se ao trazerdes ao altar a vossa oferta, ali vos lembrardes de que vosso irmão tem alguma coisa contra vós, deixai perante o altar a vossa oferenda. Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles.

Quando derdes esmola, não toqueis trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados. Não saiba a vossa mão direita o que faz a esquerda, para que a vossa esmola fique em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

Quando orardes, entrai no vosso quarto e, fechada a porta, falai com vosso Pai. Quando jejuardes, não vos mostreis contristados, como os que desfiguram o rosto para serem honrados pelos outros. Não acumuleis para vós tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem podem corroê-los e onde os ladrões podem roubá-los, mas ajuntai tesouros no Céu, porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Dai de graça o que de graça recebeis.

Ao se turbe o vosso coração: crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas...

Se me amais, guardai o meu mandamento. Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. Não vos deixarei órfãos.

A paz vos dou, a minha paz vos dou. Não vo-la dou como a dá o mundo. Não desfaleça, pois, o vosso coração. Permanecei no meu amor. Quando vier o Consolador, que eu enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade dará testemunho de mim.

Tenho ainda muito o que vos dizer, mas vós não o podeis suportar ainda. Quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade, porque não falará por Si mesmo, mas dirá tudo quanto houver ouvido de mim, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Os reis dos povos dominam sobre eles e os que exercem autoridade são chamados de benfeitores. Mas, entre vós, o maior será o que se fizer servo de todos e aquele que dirige será como o que serve. Entre vós, eu sou aquele que serve.

Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem. Quem anda nas trevas não sabe para onde vai.

Eu sou a luz do mundo, mas se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgarei, porque não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue, porque a própria palavra que digo o julgará no último dia.

Se eu, Mestre e Senhor, vos lavo os pés, deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Eu vos dei o exemplo para que, como vos fiz, façais vós também.

Em verdade vos digo que ao é o servo maior que o seu Senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou. Se sabeis, pois, essas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes.

(Texto enviado por Rogério Coelho, de Mauriaé, Minas Gerais, com a indicação de que este artigo foi editorial da revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, em 12/1978)..

*

***Desejamos a todos os nossos leitores um
Feliz e Santo Natal com Jesus... E porque
Natal é sempre que o homem quiser, que
Seja sempre Natal nos coração de cada
Um... prolongando-se por todos os dias
Que estão por vir.
Que seja sempre Natal para toda a
Humanidade!***